



# Histórias contadas, histórias construídas\*

Mariano Horenstein\*\*, Córdoba

*Neste artigo, fruto da conferência proferida pelo autor na SPPA e que por isso guarda as marcas do estilo oral de exposição, são desenvolvidas as consequências do sintagma que serviu de título para o simpósio para o qual foi convidado em maio de 2012: Histórias contadas, histórias construídas. Aborda-se a experiência analítica em termos de experiência contada. Ao mesmo tempo esclarece-se aquilo que, inevitavelmente, todo relato encerra de construção. Através de duas vinhetas clínicas de adolescentes em análise e algumas referências literárias e cinematográficas, o autor analisa como o sujeito surge enquanto personagem do Outro e, a partir dali, do modo como é contado pelo Outro pode separar-se e construir (ou não) um relato próprio sobre si mesmo. Nesse sentido, trabalha-se o lugar da escuta analítica tanto como determinante da história contada em análise quanto da possibilidade de que seja construído um novo relato subjetivo, menos alienante.*

*Descritores: adolescência, história, narração, construção.*

---

\* N.A.: Este texto corresponde à conferência que o autor, convidado para o XIV Simpósio do Núcleo de Infância e Adolescência da SPPA, apresentou em maio de 2012. Tanto o estilo como a forma do mesmo dão conta da oralidade da apresentação original.

\*\* Psicanalista didata da Associação Psicanalítica de Córdoba e membro titular da Fepal e IPA.



A imagem usada para a promoção deste evento é evocativa. Foi tomada de um quadro de Albert Anker, chamado *o pintor das crianças*. Esse idoso cercado de crianças que escutam o debulhar de suas histórias, sedimento de sua sabedoria, me faz lembrar a figura cunhada por Walter Benjamin, a de *O narrador* (2008).

A figura do narrador é uma figura da nostalgia, pois é evocada enquanto desaparecida – pelo menos assim o fazia Benjamin e acredito que não sem razão. Representava uma época em que a sabedoria era transmitida por via oral. Uma época em que ainda não havia desaparecido, como dizia Benjamin e entre nós Marcelo Viñar (2006), a *comunidade de ouvintes*. O narrador testemunhava acerca de um tempo em que a *experiência* ocupava um lugar. Nós, como psicanalistas, somos herdeiros dessa tradição perdida, uma tradição que talvez encontre, em nossos consultórios, um dos últimos baluartes de resistência.

A imagem também evocava em mim uma lembrança pessoal – as lembranças sempre são pessoais e de alguma maneira estamos implicados em cada coisa que dizemos – que é a lembrança de mim, sentado no colo de meu avô materno, por sua vez sentado na sua velha *bergère*, escutando suas histórias, histórias da guerra e da fome, de certo heroísmo e aventura de alguém que, ainda muito jovem, viera sozinho da Rússia, onde os bolcheviques acabavam de assumir o poder, para a Argentina. Ele viera e instalara-se na cidade de Paraná, não muito longe daqui, sem entender nada do idioma espanhol, um completo estrangeiro, como eu aqui hoje. Não lembro de nada mais fascinante em minha infância do que estar ali sentado escutando suas histórias, que, a pedido meu, repetia uma e outra vez.

O título do simpósio *Histórias contadas, histórias construídas* separa apenas com uma vírgula as duas frases do sintagma, acredito que com acerto: não é contadas *ou* construídas, nem sequer contadas *e* construídas, mas, enquanto contadas, são construídas. A vírgula marca certa superposição: contadas, isto é, construídas. Não há relato subjetivo que não passe através do crivo da linguagem, que não se estruture segundo suas regras e, enquanto verdade do sujeito, que não o faça à maneira da ficção.

*A verdade tem estrutura de ficção*: a partir daí, o contar, a história contada/construída pode ser trabalhada. A psicanálise baseia-se em que é preciso circundar a ficção para atingir a verdade que se mostra refratária a outros modos de apreensão. A história de cada um é construída como é construído um caso analítico, é editada. Não há, então, uma história contada que não seja construída. E não há, tampouco, construção que não provenha de uma história contada... Por quem? Pelo Outro.

Com sorte, numa experiência analítica, essa história poderá ser desconstruída para ser reconstruída, o analisante se tornará porta voz da história



que encarna, porta voz das vozes que o contaram para, assim, escutando-se, contar a si mesmo, poder apagar a marca desse relato para contar, ele, um relato menos alienado. É na medida em que são debulhados esses significantes que marcaram o sujeito e nos quais cifrou-se seu gozo, na medida em que se revela quem é o *autor* desse roteiro e qual a satisfação que o *personagem* encontra na encenação do mesmo que um jovem poderá desalienar-se, desidentificar-se.

Toda história é uma história contada, toda história é uma história construída. O tema do simpósio faz alusão, na verdade, à maneira como o sujeito, como tal, surge como personagem do Outro, construído pelo Outro a partir do que este conta sobre ele. E deverá separar-se dessa alienação na medida em que, contando-se, possa construir-se apagando as marcas do Outro.

Em primeiro lugar a história do Outro é o Outro que *me conta* – no duplo sentido de numerar, de contar-me na genealogia e de inscrever-me em seu relato – logo, sou eu quem constrói uma leitura dessa história, quem organiza a vida a partir desse relato inicial, lendo-o, geralmente, de maneira inconsciente. Assim como Alonso Quijano, na segunda parte de *Dom Quixote* (1605), aparece como um personagem que leu a primeira parte, cada sujeito é, de algum modo, durante um tempo, um personagem do Outro à procura de uma autonomia em relação ao seu autor.

Quando os jovens chegam para a consulta, tendo a supor que parte desse processo encontra-se obstaculizado, que há alguém que não consegue safar-se do lugar de personagem que lhe foi atribuído pelo seu autor. Marcelo Viñar (2012) encontra em sua clínica, e faço minhas suas palavras, na época de hoje, a presença de sujeitos jovens incapazes de fazer um relato de si próprios, de construir uma história para si. Então, um objetivo central da análise é justamente que o sujeito possa contar-se. Trabalhamos para isso.

Em geral, encontro mais inspiração para pensar os adolescentes na literatura do que na psicologia evolutiva, provavelmente porque a literatura, talvez juntamente com a história, seja o campo mais vinculado à *arte de contar histórias*, arte com a qual me agrada pensar que a psicanálise tem um parentesco. Com uma exceção: o analista ajuda o sujeito, nas antípodas de Pigmalião, a contar-se. É esse pequeno sufixo, o *se* que nos diferencia do Outro através do qual a história do sujeito foi contada.

É somente esse *se* que habilitará uma queda da transferência, onde a história contada será reeditada e o analista localizado no lugar do protoautor. Se o analista não entender isso claramente, se transformará num daqueles maus autores, incapazes de dar origem a vidas diferentes entre si e diferentes da sua – como Camacho, o personagem daquele romance de Vargas Llosa (1977) ou como aqueles



médicos especialistas em fertilidade que surgem de quando em quando nas páginas policiais porque não conseguiram resistir à tentação de colocar seus próprios espermatozoides em centenas de óvulos que lhes foram confiados. Contar-se através desse Outro encarnado pelo analista é o que caracteriza, em boa medida, a experiência de uma análise.

Não se trata somente do Outro que, contando o jovem, tornou-o protagonista, porta voz de uma história que nos conta, trata-se também de que, ao contá-la *para nós*, mediante transferência, fará uma adaptação àquilo que intui como nosso desejo, certamente baseado na sua expectativa do Outro primordial. Aqui, o *desejo do analista* é central para não alienar o jovem numa nova história a pedido do Outro.

Esta marca do desejo do Outro na história de cada um, de cada jovem em particular, fica bem evidente na maneira que tinha Lacan de escrevê-la: *Hystoria*, a história marcada pelo desejo do Outro. O neologismo serve para mostrar não somente como a história de um adolescente está ordenada pelo desejo do Outro (patente na histeria), mas também como, desse modo, manifesta-se a transferência no espaço analítico (via *histerização*) e, além disso, como a própria história está animada pelo desejo do Outro, o Outro vencedor, por exemplo, que é quem escreve a história. Sabemos que existe uma história dos vencidos que fica oculta, às vezes essa é a que reescrevemos com cada paciente numa análise.

Um adolescente constrói sua história da mesma maneira que outro analisante, porém ainda mais, pois está à procura desesperada de sentido, e o sentido é talhado numa história. Todo sujeito, assim como todo país, constrói uma história mítica que dá sentido retroativo ao seu projeto. Todo analisante constrói uma história de si mesmo na análise, mas, no adolescente, um contador de histórias em potencial que tenta indagar qual dos relatos possíveis mais se encaixa nele, esta dimensão inerente a toda análise sobrepõe-se e potencializa-se. Então, não há nada inócuo no desejo do Outro. Inclusive, pode haver algo letal ali porque o lugar que o autor do relato, o Outro, atribui a um sujeito, esse lugar que o espera mesmo antes de nascer, que se cifra, por exemplo, no nome que o aguarda, não é um lugar inocente. Cada relato, cada história que o Outro constrói e que acolherá o sujeito que está por vir tem a finalidade de obturar a própria falta do Outro, o que Freud dissera, de alguma maneira, com *his majesty the baby*.

O sujeito, que se constitui, primeiro, com a alienação e, logo, com a separação da determinação desse Outro que guarda, no início, soberanos direitos autorais sobre ele mesmo, deverá separar-se, deixar o Outro se virar com sua própria falta. E isso aparece no *revival* que é a adolescência através de sua palavra preferida: o *não*. Os adolescentes ou são como *Bartleby* (Melville, 2004) ou não



são adolescentes e sim quase adultos, crianças superadaptadas.

Frequentemente os adolescentes são personagens que, para assegurar sua sobrevivência, procuram contestar o seu autor a qualquer preço. Há algumas maneiras também letais de dizer *não*, a maneira de colocar o corpo e a subjetividade onde os jovens perdem a vida. Escutando-os, escutando quanto de chamado pelo Outro existe ali, talvez seja possível desfazer a sua letalidade.

É sempre melhor apresentar-se um caso, será apenas uma vinheta que tem relação com o tema da história contada, a maneira como um sujeito é contado de um modo letal. Há uma relação de exclusão entre história e letalidade: ali onde não há história aparece o *ato*, ali onde termina ou onde não se encontra a possibilidade de colocar em palavras aparece o *gesto*, inclusive o gesto suicida (Pavese, 2003)<sup>1</sup>.

Trata-se de Joaquim, um paciente adolescente que me consulta por algumas vagas *dificuldades vocacionais* – assim foi encaminhado – por não conseguir concluir o ensino médio. A entrevista com a mãe apresentou-me um rapaz que vivia permanentemente à beira do abismo: adições várias, condutas delitivas, um errante permanente. Mas foi uma frase o que me impactou: *Joaquim*, conta-me a mãe, *se suicidou aos onze anos*. Portanto eu iria entrevistar um paciente que, se acreditarmos na mãe, não estava vivo, havia se suicidado aos onze anos.

Uma frase, ainda mais quando pronunciada por essa encarnação privilegiada do Outro que é a mãe, torna-se facilmente a cifra de um destino. Quando encontro Joaquim, dias depois, apresenta-se do mesmo modo: “*-Me suicidei aos onze anos*”, diz. Destaco a ordem em que escutei esse sintagma, pois certamente foi sua ordem de geração: sempre primeiro o Outro. Ignoro como soa em português, mas imagino que com a mesma clareza que em espanhol e a diferença entre *suicidar-se* e *tentar suicidar-se* não é desprezível. Joaquim tentou suicidar-se tomando psicotrópicos do estojo de remédios de sua mãe quando tinha onze anos.

Não é difícil perceber certo tom filicida – não foi de forma alguma um lapso, ou, se o foi, era algo já cristalizado – e a mãe, mulher instruída e culta, disse-o sem aquele rubor, sem aquele gaguejar que evidencia um lapso perturbador – na maneira como a mãe descreveu o ocorrido, o que logo pôde ser comprovado. O que me impressionou, no entanto, foi a maneira como Joaquim *era falado por ela e esse desejo*, ao apresentar-se da mesma forma.

Dois anos depois, Joaquim, estranhando – embora não tanto – a linguagem de sua mãe, contente com o projeto profissional que começava a construir,

<sup>1</sup> “Não palavras. Um gesto. Não escreverei mais”. Assim escreve em seu diário, antes de suicidar-se, Cesare Pavese (2003, p. 403).



exclamava fora do consultório: – “*I’m a designer!*”. Parece-me que ali ele falava, através da mudança do idioma, como alguém que podia começar a escrever, a *desenhar* sua história, a contá-la para si e para mim de outra forma.

De uma frase à outra é possível reconstruir esse caminho de contar, de usar a linguagem que é uma análise. Do “me suicidei aos onze anos” para o “*I’m a designer*” entra em jogo esse artesanato no qual haverá a separação do sujeito de uma história em que ele é contado para passar a contar-se de outra forma. Isso ocorre somente se *contar* para o analista de uma forma particular.

Se há histórias contadas é porque há histórias *escutadas*. Essa fórmula também poderia ter feito parte do título: histórias contadas, construídas, escutadas... na verdade faz parte através do quadro de Anker. E o *Nachträglichkeit* (*a posteriori*) pode ser bem aplicado aqui: não é que exista alguém que escuta porque há alguém que conta, *há alguém que conta porque há alguém que escuta*. E assim estrutura-se, também, o dispositivo analítico: é porque oferecemos uma escuta que surge uma demanda, que alguém fala e desenvolve suas histórias. Como disse Lacan, com a oferta criamos demanda. Por isso é tão importante a disponibilidade do analista para escutar o paciente, às vezes a única para o paciente.

*Cuéntame tu vida*<sup>2</sup>: desse modo, como o título do filme de Hitchcock, inicia-se uma análise e também a de um adolescente. O que esperamos que alguém colocado nessa situação possa contar? Um relato ficcional, uma autoficção? Uma ficção feita de retalhos da ficção do Outro, de seus furos, como se um sujeito encontrasse o espaço para forjar sua história nos buracos da história do Outro, nos fios desatendidos da história do Outro. Às vezes é preciso trabalhar muito tempo até que esse espaço inaugural, o do *Cuéntame tu vida*, se instale. Com muitos pacientes é preciso ser muito engenhoso, apelar para manobras muito diversas para que entrem no dispositivo analítico, para transformar a transferência selvagem em transferência analítica. Lacan (1963) pergunta-se sobre isso, sobre como fazer o elefante selvagem entrar no cercado, sobre como fazer o cavalo dar voltas no picadeiro.

As histórias clínicas são, antes de nada, histórias. Javier Cercas, o escritor espanhol, disse que o romance é *um gênero que procura proteger as perguntas das respostas*. A análise é um maquinário que faz aparecer perguntas, transforma automaticamente cada resposta (que o falante tende a produzir automaticamente, dado que o sintoma é um animal, Lacan *dixit*, ávido de sentido) em nova pergunta, que diseca o *blablabla* para encontrar o nervo de pergunta que o anima. As perguntas podem adquirir forma diferente: *Quem sou?* é a pergunta típica da

<sup>2</sup> N.T.: o filme cujo título original, em inglês, é *Spellbound*, foi traduzido para o espanhol (Argentina) como *Cuéntame tu vida*, e em português como *A casa encantada*.



neurose, ela própria estruturada como uma pergunta. Essa pergunta pode tomar a vertente do desejo feminino ou da paternidade, maneiras típicas com as quais aparece na histeria ou na obsessão. *Sou?* A pergunta da psicose é mais radical. Geralmente na psicose, em sintonia com esta pergunta anterior a qualquer pergunta pela identidade – a pergunta pela existência – é difícil encontrar uma história. Na psicose não há história e talvez seja uma finalidade da análise construí-la de maneira protética.

Há pouca experiência sobre a perversão, mas dá a impressão de que, existindo ou não, a história não importa muito. As perguntas ali estão coaguladas, há um *não querer saber* em jogo. Sabemos que há, além disso, toda uma zona de borda, de bordas da neurose, prefiro pensar, onde a construção de uma história parece possível. Onde é necessário trabalhar para fazer surgir uma pergunta, possibilidade que aparece como estruturalmente possível.

A existência de uma história pressupõe que a pergunta fundamental existe e se encontra ali criptografada, subtendida nas próprias perguntas do relato: *Quem é o autor?* A pergunta pela origem, pelos pais, pela genealogia... *Quem é o protagonista?* A pergunta pela identidade, crucial, a manifestar-se na adolescência... *O que vai acontecer?* A pergunta pelo desejo.

Os críticos da psicanálise censuram sua ocupação excessiva com o passado, ou seja, com a história. Não se dão conta de que o passado em psicanálise, a história, é um efeito *Nachträglich* (*a posteriori*) do futuro. Contamos a história desde o futuro, não há história a revelar numa análise, ela se (re) escreve e, como tal, se funda.

Marcelo é um paciente que atendo desde muito jovem. Sua vida de criança e adolescente esteve *marcada* (em todos os sentidos) pelos cavalos. Há algumas semanas estava quase se formando em medicina, um longo tempo após ter abandonado as tarefas do campo para as quais era muito talentoso. Seu ânimo, dias antes da formatura, era mais para melancólico: chegava à formatura de uma forma excepcional, após ter cursado parte da carreira em outro país, com grande expectativa na sua Universidade, com um trabalho a sua espera... Nessa sessão, surge o significante *vagabundo*, que o impedia de se apropriar e desfrutar do momento. Segundo dizia, havia levado muitos anos para se formar (o que não era verdade) e que, como tinha certa facilidade, não exigia muito de si... *Vagabundo* para o pai, quem vivia repetindo isso, repreendendo-o. *Vagabundo* para a mãe em outro sentido: considerando-o muito talentoso. De talento indubitável, encontrasse, no entanto, ancorado neste nome: *vagabundo*. Mas nessa sessão, dias antes da formatura, vem à tona que, na verdade, o *vagabundo* é seu pai – que não conseguiu se formar, chegando a cursar mais de dez vezes a mesma matéria – e não ele.



Aparece a marca com que seu pai marcava seus cavalos no campo que administrava (não é menos importante que essa marca, invertida, se transforme na inicial de seu nome...). Sente-se marcado por ele como um de seus cavalos. Sabemos do lugar da marca no corpo, da marca ritual, da tatuagem inclusive no mundo adolescente. Sabemos também que, quando não há um pai que marque suficientemente, o jovem deve inventá-lo para si. No momento em que passará seu pai, em sua formatura, aparece uma vacilação melancólica, na qual talvez se encontre presente algo como um descolamento dos significantes, das histórias que o marcaram.

Mas, ao mesmo tempo, há um tempo atrás, havia acontecido outra coisa que julgo maravilhosa. Não sei se assistiram ao filme *Peixe grande e suas histórias maravilhosas*, de Tim Burton. Esse filme, juntamente com a *Carta ao pai de Kafka* (1999), decantou, na análise de Marcelo, sua relação com o pai. O filme aborda maravilhosamente o tema deste simpósio, o das histórias contadas, construídas. No filme, se lembrarem, o pai do narrador construiu uma épica com sua própria história, o que marcou o filho de maneira insuportável e o levou a distanciar-se dele. Esse filho retorna, porém, para encontrar seu pai moribundo e lembra de suas histórias fabulosas nas quais sempre ocupava o lugar do herói. O protagonista, que, por sua vez, está prestes a tornar-se pai pela primeira vez, encontra-se com as histórias contadas de seu pai, história no sentido de *fabulações*, mentiras. Mas, como dizíamos, *a verdade tem estrutura de ficção*, e isso se revela na cena final, do velório, cena que fez Marcelo, enquanto assistia ao filme, chorar copiosamente, identificado com essa ambivalência brutal do narrador em relação ao seu pai.

A *função do pai* é central na vida de qualquer sujeito, ainda mais na adolescência. Marcelo arranja-se como pode com o seu, descolando-se de sua história para escrever outra, aqui mesmo. Esta cena que relata descreve bem sua situação subjetiva: “[...] *ver descer de um carro um senhor enorme, personagens de um circo [...] deitar meu pai na água, deixá-lo afundar nas suas histórias, nas suas impertinências, [...] e começar a repeti-las*”.

Aqui não se trata da repetição freudiana, como ele esclarece quando passa a contar, em relação a um fato engraçado que seu pai repetia com frequência: “– *Agora eu comecei a contar o fato como ele...*”. Marcelo aparece aqui se apropriando do pai como uma invenção na qual suas fabulações – com todo seu valor de verdade – aparecem como uma ancoragem subjetiva.

Sebald, o genial escritor alemão, dizia que um autor deve mostrar-se. Um analista talvez também precise mostrar-se quando fala de seus casos, de sua clínica, na verdade sempre se mostra, mas falo de mostrar-se *em sua falha*, na castração





que o atravessa e que, via desejo do analista, motoriza as análises que conduz. Além dessa imagem não falhada que pode aparecer diante do analisando na transferência, talvez espaços como estes sirvam como um tipo de antídoto para não nos instalarmos numa atmosfera fechada e idealizada.

Não gosto muito do uso extremo da contratransferência. Em geral – não sempre – desconfio dessa espécie de tradução intuitiva e apressada como instrumento de leitura que apaga o estrangeirismo radical do outro, essa diferença que coloca um ponto de interrogação, que nos garante que nunca entendemos por completo e, ao mesmo tempo, garante essa margem não saturada onde algo novo – novo para ambos, analista e paciente – pode surgir. Mas mesmo assim, na esteira de Sebald, e tirando proveito de certa distância do lugar onde exerço meu ofício, quero contar-lhes algo. Saibam desculpar-me se eu introduzir certo tom confessional, mas acredito que estamos sempre implicados no que dizemos e é melhor, então, explicitá-lo. Tem a ver com minha própria adolescência.

É no fim da adolescência, como sabem, que se define uma escolha vocacional, sendo este um dos pontos cruciais do abandono da infância, da passagem para a idade adulta. Como dizia um professor meu, talvez seja um momento, uma idade, na qual ninguém está suficientemente preparado para tomar decisões que terão uma incidência capital no resto de sua vida, mas é assim. Eu custei muito a tomar essa decisão e passei por momentos diferentes, cada um mais sintomático que o outro. Estava tão perdido que, entre as opções, constavam de agronomia à educação física, de economia a direito. Não estava muito longe, na verdade, daquilo que eu havia escrito num caderno, no início da minha adolescência, quando me perguntaram, ao entrar no colégio, sobre o que queria ser quando crescesse e respondi: motociclista da polícia e paraquedista.

Ao concluir o ensino médio, no entanto, precisava escolher, e duas profissões começaram a se definir com mais nitidez: a de psicanalista e a de escritor. Embora tivesse os livros de Freud em casa – que examinava com avidez infantil, como uma espécie de enciclopédia pornográfica – orientei minha escolha para uma carreira que me permitiria logo, imaginava, contar histórias.

Parte desse *meu* desejo ancorava-se numa frase, escutada da boca de minha mãe, de querer que houvesse *alguém que escrevesse a história da família*. Durante muitos anos pensei – meu desejo preso a esse desejo que eu vislumbrava insatisfeito em minha mãe – que era eu quem deveria fazê-lo. E isso me colocava numa posição sintomática: por um lado devorava histórias, era um leitor que ansiava por tornar-se escritor, por outro era incapaz de escrever histórias completas. Uma inibição me refreava ali onde poderia me transformar, imaginariamente, naquilo que minha mãe desejava.



No transcurso de minhas análises, uma longa e didática, uma reanálise posterior, parte dessa história construída pelo Outro, escutada por mim a partir de retalhos ouvidos na secreta intenção de me transformar naquilo que minha mãe desejava, tomou outro caminho, do qual também há marcas infantis, mas que *subvertia* certa significação coagulada nessa frase materna que havia se transformado num emblema para mim. Pois, quase sem querer, me transformei em alguém que *ouvia histórias* mais do que as contava. Isso é um analista, não acham? Um ouvitor de histórias.

E abandonada a pretensão de contá-las – no sentido de ser o escriba da história familiar, de contar a história da família *para minha mãe*, com a carga incestuosa que isso acarretava – abriu-se a possibilidade de *escrever minha própria história* enquanto psicanalista, alguém que escuta as histórias de família de outros.

E o faço há muitos anos, sentado na mesma velha *bergère* – um pedaço de meu passado, do momento germinal do meu desejo enquanto analista, no meio de um consultório com equipamento contemporâneo – onde meu avô sentava-se para contar-me as suas. E contando-lhes isto percebo que – enquanto desejo infantil indestrutível – desta forma também realizo esse desejo de minha mãe, reconstruído, digamos, reescrito, o de alguém que conta a história da família, em suma a sua própria história. □

## Abstract

### Stories told, stories constructed

In this paper, based on the conference given by the author at SPPA, and which maintains the style of oral presentation, the consequences of the syntagm used as title for the symposium to which the author was invited in May 2012 are developed: *Stories told, stories constructed*. The analytical *experience* is approached in terms of experience narrated. At the same time, the construction embedded in every narration is clarified. By means of two clinical vignettes of adolescents in analyzes, as well as some references from the literature and movies, the author analysis how the subject emerges as a character of the Other, and, from there, the way it is narrated by the Other, it may separate and construct (or not) its own narration about itself. In this sense, the place of the analytical listening is worked as determinant of the story narrated in analysis as well as the possibility of construction of a new subjective narration, less alienating.

Keywords: adolescence, story, narration, construction.



## Resumen

### **Historias contadas, historias construidas**

En este artículo, fruto de la conferencia que el autor dictara en la SPPA y que guarda las marcas del estilo oral de exposición, se despliegan las consecuencias del sintagma que sirviera de título al symposium al que fuera invitado en mayo de 2012: *Historias contadas, historias construidas*. Se aborda la *experiencia* analítica en términos de experiencia contada. A la vez, se deslinda aquello que inevitablemente encierra de construcción todo relato. A través de dos viñetas clínicas de adolescentes en análisis y algunas referencias literarias y cinematográficas, el autor analiza la manera en que el sujeto surge en tanto personaje del Otro, y a partir de allí, del modo en que es contado por el Otro, puede separarse y construir (o no) un propio relato acerca de sí mismo. En ese sentido, se trabaja el lugar de la escucha analítica tanto como determinante de la historia contada en análisis como de la posibilidad de que un nuevo relato subjetivo, menos alienante, sea construido.

Palabras llave: adolescencia, historia, narración, construcción.

## Referências

- Benjamin, W. (2008). *El narrador*. Santiago de Chile: Metales Pesados.  
Cervantes, M. (1605). *Don Quijote de la Mancha*. Barcelona: Planeta, 2004.  
Kafka, F. (1999). Carta al padre. In *Padres e hijos*. Barcelona: Anagrama.  
Lacan, J. (1962-1963). Seminario 10 – “La angustia”. Bs. As.: Paidós, 2006, p. 139.  
Melville, H. (2004). *Bartleby, el escribiente*. Bs. As.: Gárgola.  
Pavese, C. (2003). *El oficio de vivir*. Barcelona: Seix Barral, p. 403.  
Vargas Llosa, M. (1977). *Tia Julia y el escribidor*. Bs. As.: Alfaguara.  
Viñar, M. (2006). Inquietudes en la clínica psicoanalítica actual. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 103, 22-39.  
\_\_\_\_\_. (2012). Tradición/Invención. *Calibán – Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 10, (1).

Recebido em 14/01/2013

Aceito em 04/02/2013

Revisão técnica de **Suzana Deppermann Fortes**

### **Mariano Horenstein**

Los Aromos 232 – B° Las Lomitas  
5105 – Villa Allende – Córdoba – Argentina  
e-mail: mmhorenstein@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA